

Sarney afinal tem candidato

O presidente José Sarney tem afinal um candidato à sua sucessão, o apresentador Silvio Santos, sujeito embora a impugnações. Ele é o único que não se envergonha de desfrutar da intimidade do chefe do governo. "Gosto de Sarney", disse. Ele gosta também de Figueiredo. Isso é o máximo de desafio à conjura política que pretendeu excluir o presidente da sua sucessão, a pretexto de que Sarney não se desvinculara dos processos do regime militar a que serviu e continuava a ser uma peça do velho e corrupto sistema, embora tenha se aliado ao PMDB e a Tancredo para derrotar o governo Figueiredo e seu candidato.



Como se sabe, quase todas as candidaturas presidenciais existentes foram montadas a partir da verificação de que o eleitorado repudia Sarney e tudo quanto dele se aproxima. A rejeição ao governo e ao que ele representa está na base das campanhas vitoriosas de 1988 e das campanhas atuais de Brizola e Lula. Fernando Collor de Mello armou uma legenda partidária para dar sequência à sua luta contra os *marajás* ampliada nacionalmente no combate a Sarney e ao que ele representa. Aureliano Chaves, para ser admitido como candidato pelo PFL, teve de demitir-se do ministério e afastar-se politicamente de Sarney. E Ulysses Guimarães, para dominar as convenções do PMDB, repudiou sua aliança com o presidente, aliou-se a Waldir Pires e armou-se candidato de uma cruzada anti-sarneyista, até aqui aliás sem êxito.

O presidente vai continuar dizendo que é magistrado, que não tem candidato, etc. Tudo bem, mas é humanamente compreensível que ele esteja ao lado de quem não o repele e aceita sua intimidade e sua amizade. Afinal os demais fogem dele como o diabo da cruz. Para maior felicidade de Sarney o *showman* desfruta de popularidade, pode chegar ao segundo turno e ainda melhora as perspectivas eleitorais do seu grupo no Maranhão. Collor, ali, é João Castello, que poderia por aí recuperar as condições de enfrentar Sarney Filho na disputa do governo. São razões subsidiárias mas também válidas para justificar a irrecusável satisfação com que o chefe do governo, no ocaso do seu mandato, vê no páreo alguém que afinal se intitula seu amigo.

A suspeita de que o presidente da República estava por trás do estímulo dado à candidatura de Silvio Santos foi respaldada pelos empresários paulistas, principalmente por Antônio Ermírio de Moraes, que revelou ter sido pessoalmente convidado por Sarney, no dia 4 de setembro, na Granja do Torto, para candidatar-se. Convite que recusou por considerar inadequado ingressar numa disputa que já ia avançada. Ermírio julga severamente o presidente. E seus pares paulistas, embora não o digam expressamente, também acham que Sarney está por trás do concessionário de canais de televisão. A fortalecer a suposição aí está a presença de políticos da grei de Sarney, como o maranhense Lobão e o ministro João Alves, na elaboração do infeliz episódio que vem perturbar uma sucessão já de si tão mal colocada.

A felicidade do presidente, no entanto, pode não ser duradoura. A Justiça Eleitoral terá de examinar objeções fortes à consolidação da candidatura aventureira do apresentador de programas. A primeira delas, que não será considerada explicitamente, de ordem moral, pois o princípio da substituição de candidatos em final de campanha existe para impedir que por morte ou acidente grave partidos ou correntes de opinião fiquem sem poder disputar o governo. Razões morais não costumam ser levadas em conta. Mas há vedações legais que terão de ser examinadas. Silvio Santos, como ninguém ignora, é concessionário de canais de televisão. Pouco importa que ele seja formalmente diretor. Ele é dono, foi ele quem recebeu o benefício do poder público, benefício que a Constituição rotula de "concessão". E a lei veda a pessoas com esse privilégio se candidatarem a presidente da República.

Correrão prazos e debates antes que os juízes decidam, se é que as habituais dilações da Justiça conduzam o assunto até uma decisão. Até lá o empresário fica apenas na suposição de que o simples anúncio da sua candidatura, que o eleitor receberá sob o nome de um rico líder religioso (aí todos são ricos, só o eleitor de Santos é pobre), emocione e mobilize os ouvintes que não se limitam ao auditório da TVS em São Paulo mas se estendem às copas e cozinhas de todo o país. O senador Marcondes Gadelha por aí deverá ampliar muito sua faixa de popularidade na Paraíba.

O fim do PFL

Como se sabe, o PFL está com todos os candidatos, menos com Aureliano Chaves. Há parlamentares e ministros com Collor, com Afif, com Covas, com Maluf e agora com Silvio Santos. A filiação do senador Hugo Napoleão, seu presidente, e do senador Marcondes Gadelha, seu líder, ao PMB, é o toque de silêncio na sepultura do malogrado partido.

Carlos Castello Branco